

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO 5****CAPÍTULO 1 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR


Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA


Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 48**

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS


Carlos Henrique Barbosa Vieira






Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

CAPÍTULO 8	125
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018	
CAPÍTULO 9	143
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019	
CAPÍTULO 10.....	156
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110	
CAPÍTULO 11	172
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111	
CAPÍTULO 12.....	187
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112	
SOBRE OS AUTORES	205
ÍNDICE REMISSIVO	208

O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA *AS BACANTES*

Data de aceite: 11/11/2022

Ana Flávia Cicero Conde

Programa de Pós-graduação em
Psicologia, Universidade Estadual de
Maringá
Centro Universitário Metropolitano de
Maringá
Centro Universitário de Tecnologia e
Ciências do Norte do Paraná
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3802-947X>

Paulo José da Costa

Programa de Pós-graduação em
Psicologia, Universidade Estadual de
Maringá
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

Isto porque, segundo este último autor, compreender apenas a lógica da neurose não é mais suficiente para se dar conta da clínica atual, sendo necessário se abrir para a loucura privada e exercer o pensamento louco, como um trabalho clínico que se atenta à paixão e à pulsão de morte, à carga libidinal excessiva e ao indizível.

Para tanto, em nossas reflexões utilizaremos alguns elementos da mitologia grega, presentes na tragédia supracitada, correlacionando-os psicanaliticamente, pois partimos do pressuposto de que dizem respeito ao humano de todas as épocas, destacando o vértice trágico e conflituoso que nos constitui.

Segundo Migliavacca (2004), as tragédias eram apresentadas nos concursos trágicos, durante as festas atenienses que ocorriam anualmente em honra ao deus Dioniso, tendo suas bases nos mitos que por muito tempo foram veiculados pela tradição oral e só posteriormente ganharam suas versões escritas. Tais eventos assinalam a

INTRODUÇÃO

No presente texto visamos produzir articulações entre o frenesi báquico, ilustrado na tragédia grega *As Bacantes* de Eurípides (2005), e a noção de loucura privada proposta por André Green (2017), como uma possibilidade de refletir sobre a clínica psicanalítica atual na qual há a presença marcante dos casos-limite.

importância que os mitos tinham, e particularmente no que nos interessa a sua versão trágica, com um sentido para o povo que os criou (MIGLIAVACCA, 1999) e, de acordo com a autora, podem revelar a nós os questionamentos feitos acerca da vida e do mundo mental, presentes na mitologia criada, de maneira que o seu conteúdo constitui uma fonte de conhecimento sobre tais criadores, mas também a respeito da humanidade de todos os tempos, na medida em que muitas das indagações e conflitos ainda persistem em nosso íntimo. Isso é o que caracteriza a atemporalidade dos mitos e a possibilidade de nos remetermos a eles para falar sobre o humano hoje, seguindo a proposta de Migliavacca (2002).

Assim, os mitos se configuraram como um modo de o ser humano lidar com as angústias sentidas, com o desconhecido, pois eles garantiam certo ordenamento da relação deste ser com o ambiente que o cercava, o seu cosmo, permitindo que ele próprio se organizasse e reconhecesse o seu lugar nesse mundo. Ou seja, os mitos dentro do seu contexto histórico, social e cultural, dão “[...] sentido e coerência aos acontecimentos, coloca-os num plano acessível à compreensão humana” (MIGLIAVACCA, 2002, p. 252), podendo estes acontecimentos estarem relacionados às fantasias e desejos humanos mais profundos. Nesse sentido, a atemporalidade e a potencialidade dos mitos permitem que possam ser tomados como modelos tanto de comportamentos quanto de funcionamento mental, considerando-se ainda a sua função na estruturação dos processos psíquicos (MIGLIAVACCA, 2002).

As tragédias gregas, enquanto uma transformação dos mitos da tradição épica, por meio das habilidades de grandes poetas, como Ésquilo, Sófocles e Eurípides, trouxeram algo de inovador, em termos de uma nova concepção do ser humano, na qual

A ação humana é explicitamente concebida como resultante de um processo interior, de uma escolha subjetiva e, por conta disso, surge um homem consciente de si e do fato de que ele é responsável pelas consequências de suas escolhas. Nisso se destaca a descoberta de seus erros, das ações equivocadas, das sombras imprevisíveis e incontroláveis que obscurecem seu discernimento e, em consequência, levam-no a decisões desastrosas. A verdade caminha a passos rápidos e ele se verá enredado em acontecimentos que seus próprios atos desencadearam, sem que ele percebesse (MIGLIAVACCA, 2004, p. 851).

Assim, de acordo com Migliavacca (2004), nasce a consciência trágica do herói, que reconhece que se encontra em um impasse, no qual não tem saída devido à inexorabilidade do destino, mas não se autovítima e aceita a sua realidade, sem ser submisso a ela. Conforme a autora, o herói trágico é consciente e reflete acerca da sua condição, aceitando que o impasse que se apresenta em sua vida é resultado de suas escolhas e erros. Resulta disso que o homem trágico é um ser em conflito e, justamente por conta disso, “talvez

nunca uma forma literária tenha apresentado o homem a si mesmo de modo tão pungente, avassalador, claro e inevitável quanto a tragédia grega” (MIGLIAVACCA, 2004, p.852), podendo em sua riqueza ser referência ainda nos dias atuais sobre o humano, funcionando também como modelo sobre o qual podemos associar livremente, seguindo o método psicanalítico.

Para Migliavacca (2004), isso se torna possível até mesmo porque o ser humano abordado pela psicanálise é também um ser em conflito, com uma vida psíquica dividida em consciente e inconsciente, fazendo com que esse indivíduo esteja em conflito consigo mesmo e também com o mundo exterior, uma vez que, por exemplo, ele não conhece as forças que o motivam e endossam seus atos, gerando constantes contradições.

AS BACANTES

A tragédia *As Bacantes* (Eurípides, 2005) destaca em seu título as mulheres adoradoras do deus Baco, ou Dioniso, e apresenta em seu enredo a introdução do culto a essa divindade na cidade de Tebas, onde morou sua mãe Sêmele. A tragédia também aborda o conflito que se apresenta entre a ordem social e os valores morais sustentados pelo rei Penteu e a natureza do culto dionisíaco, bem como discorre sobre as dificuldades que Dioniso enfrentou para ser reconhecido enquanto um deus nessa *polis*, até mesmo por seus familiares, como as irmãs de sua mãe, Ágave, Autônoe e Ino, por terem duvidado de que seu pai não era Zeus e sim um mortal.

No decorrer da tragédia, vemos Dioniso punir as irmãs de sua mãe por não o terem aceito como um deus, sendo obrigadas a cultuá-lo como faziam as bacantes, peregrinando pelos montes e participando de seus rituais orgiásticos. Assim como são levadas, juntamente das demais bacantes, a caçarem o rei Penteu, o filho de Ágave, como se ele fosse um animal, resultando na morte dele e na exposição pública de sua cabeça a toda a cidade pelas mãos de sua própria mãe, ressaltando o poder do frenesi inspirado por Dioniso em suas bacantes. (EURÍPIDES, 2005)

Os cultos a Dioniso incluíam rituais que envolviam o êxtase e o entusiasmo, onde os participantes podiam se embriagar do vinho, pois Baco é definido como o deus do vinho, do êxtase embriagante, do desvario, do ilusionismo e da possessão. Contudo, o êxtase e o entusiasmo não estão necessariamente ligados ao vinho, pois o frenesi dionisíaco podia ser alcançado pelos indivíduos apenas por participarem dos ritos. No caso da tragédia em questão, as bacantes são mulheres que estavam possuídas por Dioniso e refletiam a sua divindade e poder, sendo a manifestação divina do próprio deus. Eram chamadas também de mênades, palavra que retratava o estado em que se encontravam: furiosas, frenéticas, loucas, visto que se encontravam no frenesi báquico.

Migliavacca (1999) afirma que o ser humano chega aos limites de sua humanização, estando próximo da bestialidade quando é possuído por Dioniso, pois aqueles que cultuam esse deus se identificam ou confundem-se com ele, perdendo o controle sobre si e sua racionalidade, rompendo os limites impostos pelas leis humanas e divinas, que defendem a justa medida, apesar de que, quando estão nesse estado, desfrutam de um contato peculiar com o divino.

Associado fortemente à sexualidade, aos prazeres dos sentidos, Dioniso traz a liberdade e a euforia àqueles que o aceitam. Presidindo opostos, Dioniso ilude e distorce a percepção, entorpece os sentidos, confunde e desloca o homem de seu universo conhecido, tanto quando o conduz à selvagem crueldade e perdição, quanto quando o transporta ao altamente festivo, à alegria inebriante. De qualquer modo, ele perturba a ordem (MIGLIAVACCA, 1999, p. 2).

Algo de incomum que esta tragédia apresenta é o caso de não ser um herói o protagonista, como de costume, mas, sim, um deus. Migliavacca (1999) defende que, ao ter construído a tragédia dessa forma, Eurípides ressalta que o ser humano é governado pela desrazão; e mais, precisa se entender com isso para que possa dar continuidade a sua vida. Podemos pensar que essa compreensão ressalta o elemento desconhecido (poderíamos dizer, inconsciente) que move os indivíduos, inclusive se considerarmos uma fala de Tirésias, em dado momento da peça, mencionando que nenhuma daquelas mulheres que se encontravam tomadas pelo frenesi báquico fariam algo que não fosse de sua natureza ou temperamento; ou seja, que não correspondesse aos seus desejos mais íntimos e profundos.

O FRENESI BÁQUICO: RELAÇÕES COM O PROCESSO PRIMÁRIO, O PRINCÍPIO DO PRAZER, AS PULSÕES E A HÝBRIS

De acordo com Kallas (2010), nos diálogos da tragédia em questão é sempre presente uma tensão “[...] entre o saber, comandado pela razão, e a evidência de uma outra realidade que escapa ao racional e que é atribuída à essência do divino, no caso, Dioniso” (p. 73). Nessa tensão, ficam contrapostos Penteu e Tirésias, de um lado, representando a razão e o saber advindos das leis sociais e do estado; e de outro, Dioniso, que evidencia a alteração da consciência que faz atingir o êxtase, ou frenesi, refletindo a presença da divindade.

Numa perspectiva psicanalítica, a autora acima citada afirma que a razão, aqui figurada por Penteu e Tirésias, poderia ser relacionada ao processo secundário, ao princípio da realidade e ao Eu consciente. Em contraponto, podemos dizer, então, que o frenesi, ou êxtase báquico, promovido por Dioniso, corresponderia ao processo primário, ao princípio do prazer, ao movimento pulsional e, transpondo essa perspectiva à figura do herói trágico,

se aproximaria à *hýbris*, uma vez que ela diz sobre a transgressão dos limites impostos ao herói e à aproximação com a condição divina.

O processo primário e o processo secundário do funcionamento mental foram discutidos por Freud desde o “Projeto para uma psicologia científica” (1996e), e com mais ênfase no capítulo VII de *A interpretação de sonhos* (1996a), indicando a existência de leis diferentes no funcionamento psíquico, de forma que o primeiro caracteriza, sob o ponto de vista tópico, o sistema inconsciente, e sob o ponto de vista econômico-dinâmico, a energia livre que escoia sem barreiras de uma representação para outra, não significando uma ausência de sentido, mas um deslizar de sentido, que visa reinvestir as representações ligadas às vivências de satisfação que constituem o desejo, fazendo isso pelo caminho mais curto possível. Nessa perspectiva, está relacionado à energia livre e ao princípio do prazer, tendo como objetivo alcançar a satisfação em detrimento do desprazer, o qual procura evitar buscando a redução da quantidade de excitação que, justamente, gera o desprazer.

O princípio do prazer não considera a realidade, pois ela demonstra também o que não é agradável, não sendo conveniente a este princípio que preza pelo prazer. Assim, este princípio não se restringe às satisfações no real, pois para ele não importa qual seja a realidade, uma vez que pertence ao campo da fantasia e do inconsciente (Freud, 1996b). Podemos ilustrar a aproximação entre o frenesi báquico e esse princípio a partir do discurso de *Ágave a seu pai*, após matar seu próprio filho com a ajuda de suas irmãs e as demais bacantes, pensando que ele fosse um filhote de leão, no qual desconsidera a realidade e diz sobre a satisfação promovida por seu ato.

Podes sentir, meu pai, o orgulho incomparável
de haver gerado as filhas mais destemerosas
que em qualquer tempo algum mortal pôde engendrar.
Sim, esta é a verdade quanto a todas nós,
porém de mim ainda mais, pois desprezei
fusos e lançadeiras só para aspirar
a feitos muito altos, dedicada à caça
com minhas próprias mãos às feras da floresta.
E está visível em meus braços esta prova,
que trago aqui, de uma coragem singular,
para ser vista nas muralhas da cidade.
Recebe em tuas mãos este troféu, meu pai!
Orgulha-te de meu feito nesta caçada
e chama teus amigos todos para a festa,

pois és feliz – sim, é o mais feliz dos pais! –
porque nossa proeza foi maravilhosa
(EURÍPIDES, 2005, vv. 1607-1622).

Também podemos ilustrar tal frenesi quando Penteu, já dominado por Dioniso, mas sem se dar conta, deseja ver o que fazem as mônades nas montanhas e, para isso, aceita vestir-se de mulher e ser guiado pelo próprio deus que até então abominava; ele que era o rei da cidade, muito respeitado por todos e totalmente contrário a tudo o que fosse relacionado essa divindade. Penteu até chega a dizer a Dioniso, em relação à arrumação de suas vestes femininas, o seguinte:

Agora erguê-la-ei como convém; penteia-me
mais a teu gosto, pois estou em tuas mãos.”
(EURÍPIDES, 2005, vv. 1219-1220).

Podemos correlacionar também o modelo presente no frenesi báquico com a dinâmica das pulsões, visto que estas tendem sempre à descarga, para eliminar a tensão criada, necessitando de um objeto para tanto e podendo se dar de formas diferentes a depender se correspondem à pulsão de vida (Eros) ou à pulsão de morte (Tânatos), de acordo com a segunda teoria pulsional proposta por Freud (2010).

A pulsão de vida, ou Eros, é composta pelas pulsões sexuais e pelas pulsões de autoconservação, correspondendo tanto ao intuito de “[...] conservar as unidades vitais existentes, como a constituir, a partir destas, unidades mais globalizantes” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 414), o que diz sobre uma tendência de coesão entre as partes da substância viva e união, como a que pode ocorrer entre os indivíduos para o acasalamento, estando relacionadas, segundo Freud (1996d), à ligação.

A pulsão de morte, em oposição à de vida, está mais relacionada ao desligamento, à dissolução e à destruição das unidades vitais (FREUD, 1996d). Ela busca o retorno ao estado inorgânico; quer dizer, ao estado de repouso absoluto, no qual se tem a redução completa das tensões, sendo que podem estar voltadas tanto para o interior, produzindo a autodestruição, quanto ao exterior, onde manifestariam destrutividade e agressividade, sendo essas manifestações designadas como masoquismo ou sadismo. Contudo, na dinâmica entre ambas as categorias pulsionais, que podem estar mais ou menos fusionadas, pode-se observar a tendência em eliminar a tensão.

Ao estarem no frenesi báquico, as mônades podem dar vazão àquilo que de algum modo já faz parte de sua natureza ou temperamento, enquanto expressão de desejos íntimos, conforme comentado anteriormente, seja pela expressão da destrutividade e violência, seja pela via da sexualidade. Essa expressividade pode ilustrar, como modelo,

algumas das tendências manifestadas pelas pulsões de vida e de morte.

De acordo com Candi (2017), André Green entende a pulsão de morte principalmente como força de desinvestimento e desobjetalização, incidindo sobre o processo de ligação e podendo também afetar os alicerces organizadores do psiquismo por meio do desinvestimento da estrutura narcísica primária. Em relação a Eros, Green (2017) o relaciona com a loucura privada, pois, segundo o autor, a loucura está presente na sexualidade, e ambas coexistem no quadro mais estudado por Freud, a neurose, mesmo que ele tenha depurado a loucura da neurose, seguindo uma tendência histórica da ciência da época, assim como deu menor ênfase em sua teorização à psicose, que correspondia à loucura no sentido tradicional.

Segundo Green (2017), loucura e paixão são “dois afluentes do mesmo rio cuja fonte é *hybris*” (p. 140), sendo frutos da desrazão e das potências obscuras do homem, bem retratadas pela tragédia grega. É preciso lembrar que a *hybris* caracteriza a “[...] transgressão dos limites do homem, – o *métron* –, de que resulta uma perigosa proximidade entre o deus e o homem, e que muitas vezes – nem sempre – atrai a cólera divina” (LEITE, 2010, p. 3); ou seja, diz sobre uma desconsideração das leis divinas e dos homens, assim como sobre um excesso, desvio do padrão e paixão descomedida, o que nos lembra a loucura, pois, segundo Green (2017), há nela um elemento afetivo e passional

[...] que transforma a relação do sujeito com a realidade, elege um objeto parcial ou total, liga-se a ele mais ou menos exclusivamente, reorganiza a percepção do mundo ao seu redor, envolve-o com uma aura que o torna único ou insubstituível, captura o Eu e o aliena, constrói dele uma representação interior obsedante e superinvestida e constitui a lógica patética que justifica seu estado interior (p. 148).

Desta maneira, em todas as vicissitudes de Eros encontramos um potencial para a loucura, que pode estar presente tanto nas neuroses, enquanto estruturas primordialmente eróticas, quanto nas estruturas antieróticas, como as obsessivas, depressivas e narcísicas. E mesmo que nas neuroses seja mais difícil de identificar a loucura, visto que nela é conservada a relação com a realidade, o indivíduo apresenta um pensamento racional e as fantasias são mais limitadas, ela está presente, pois, de outro modo, os mecanismos de defesa clássicos não seriam acionados apenas por conta de um risco de conflito com o Supereu, havendo algo mais, relacionado ao risco de transparecer a loucura potencial, inerente a Eros (GREEN, 2017).

Green (2017) defende que o amor, ou Eros, comporta uma dimensão louca em todas as suas manifestações e derivados, até em suas raízes infantis, por duas razões principais: a primeira é porque levou ao extremo o raciocínio freudiano de que o amor seria como uma breve loucura; e a segunda razão segue a proposta da segunda teoria das pulsões, onde

a sexualidade e amor foram englobadas por Eros, de modo que este pode ser equivalente à própria vida.

O que se distingue da loucura, para Green (2017), é a psicose, uma vez que ela predomina apenas se no embate de Eros com as pulsões destrutivas ele saia como perdedor, com o desligamento sobrepujando a ligação, afetando inclusive a relação com o objeto.

ESTADOS-LIMITE, LIMITES E TRANSGRESSÕES

A partir do que discutimos acima, podemos colocar uma diferenciação entre a loucura inerente à Eros e a psicose, campo da destruição, desinvestimento e desobjetualização. Mas, como compreender os casos com estruturas aparentemente neuróticas e que apresentam mecanismos de defesa psicóticos?

Green (2017) utiliza o termo estados-limite para dizer sobre estes quadros clínicos que se encontram nos limites da analisabilidade e são caracterizados pela falta de estruturação e organização, tanto em relação à neurose quanto em relação à psicose, sendo que neles encontraríamos bem demarcada a loucura que vimos percorrendo acima. Segundo o autor, “quando finalmente temos acesso ao núcleo psicótico, encontramos aquilo que é preciso sem dúvida nomear de *loucura privada* do paciente” (p. 78, itálicos do autor). Seria o contato mais frequente com essa loucura que está deslocando o interesse de pesquisadores e analistas para os estados-limite, pois eles colocam um desafio para a clínica psicanalítica clássica. Mas, o que são os limites?

Inicialmente, segundo Candi (2017), Green se aproximou da noção de limite para discorrer sobre os casos que se encontravam nos limites da analisabilidade; quer dizer, que eram difíceis de serem analisados, ou que a teoria não fornecia recursos para tal. Mas, posteriormente, ele defendeu que seria rico entender o limite como um conceito. Assim, de acordo com Green (2017), o conceito de limite está relacionado à divisão dos espaços psíquicos e aos processos de transformação que ocorrem na passagem de um espaço para outro, como, por exemplo, a pele, que é o envelope cutâneo que nos envolve, mas se caracteriza como sendo descontínuo, permitindo a circulação no interior e no exterior por meio de suas portas, que são as zonas erógenas.

Trata-se de um conceito que considera as esferas espaciais (topográfica) e temporais, relacionadas aos diferentes períodos coexistentes no psiquismo, assim como as clivagens, que permitem a concomitância de julgamentos opostos. Isso implica em o limite ser compreendido como “[...] uma fronteira movediça e flutuante, tanto na normalidade quanto na patologia” (Green, 2017, p. 122), que envolve processos de transformação de energia e simbolização; ou seja, a recombinação dos elementos clivados, considerando

que a clivagem ocorre porque os limites não foram bem estabelecidos. Nesse caso, quando tal mecanismo é mobilizado, compromete-se a organização dos espaços psíquicos em uma estrutura complexa, de maneira que o aparelho psíquico fica em um “[...] estado amorfo de fusão e confusão que impossibilita a discriminação dos afetos internos e da realidade externa” (CANDI, 2017, p.16).

Os pacientes que se caracterizam pelos estados-limites transpassam os limites de uma estrutura diagnóstica definida; ou seja, não se encontram nem no campo da neurose nem da psicose propriamente, em função de sua desorganização psíquica, ou falta de organização e definição dela, de maneira que eles ficariam metaforicamente cambaleando entre os limites ou fronteiras psíquicas. Tendo isso em mente, e embora considerando que os elementos míticos identificados a seguir são de categorias mitológicas distintas, nos lembramos de que a transgressão dos limites é a essência da *hýbris* dos heróis gregos e também nos parece ser daqueles mortais que desfrutam do frenesi báquico, o que parece colocá-los em consonância, por analogia, com a loucura privada encontrada na clínica, que é característica dos estados-limites. Vejamos isso com um pouco mais de detalhes.

Embora possuam ascendência divina e predisposição para grandes feitos, o que os diferencia dos demais humanos, os heróis são mortais e, portanto, duplamente vulneráveis: são suscetíveis à morte e, devido à sua condição de proximidade aos deuses, estão sempre predispostos a caírem em desmedida, excedendo sua natureza humana. Segundo Leite (2010), por conta disso o herói é ambíguo e contraditório, o que o leva a

[...] experimentar aventuras pontuadas de glórias e falhas, de vitórias e fracassos. Após alcançar vitórias sobre-humanas e conquistas memoráveis, ele também está condenado a falhar em algum ponto. Toda a carreira do herói é ameaçada por situações limítrofes e críticas. O herói será um homem poderoso e virtuoso, mas também essencialmente voltado para o descomedimento e para a transgressão dos limites impostos aos mortais pelos deuses (p. 2).

Tais condições favorecem a emergência do processo de *hýbris*, haja vista que os heróis são dominados por excessos afetivos, paixões irracionais, excessos de raiva ou violência, que até podem por vezes ser necessários para que realizem suas façanhas, mas podem se tornar incontroláveis, levando a terríveis consequências (LEITE, 2010), transgredindo o *métron* e, também segundo Brandão (1987), os limites impostos pelos deuses aos mortais. Assim, é possível identificar na figura do herói a facilidade para entrar em estado de *hýbris*, pois ao tentar colocar em prática seus desejos, vontades e bravuras, ele está sempre oscilando entre os limites, tendendo a cair em desmedida.

No caso do frenesi báquico e na experiência fornecida pelo vinho, uma dádiva propiciada por Dioniso, se visualiza a perda do controle, visto que a entrada em êxtase e em entusiasmo dionisíaco faz aqueles que estão sob seu efeito transgredir o *métron* no contexto

da presença divina, abandonando o padrão da civilidade, através das práticas orgiásticas. Nesse sentido, perdem o contato com a realidade, como Ágave ao matar seu filho, mas também esqueçam seus problemas por meio da embriaguez, podendo festejar a alegria e as orgias nas festas dionísicas. Desta forma, eles também ultrapassam limites, mesmo que sejam aqueles impostos aos homens pelos próprios homens, sejam os determinados por outras divindades, mas ao mesmo tempo permitem a experiência do descomedimento que a proximidade com Dioniso propicia, com a chancela desta divindade.

Assim sendo, nos parece plausível conjecturar a possibilidade de uma aproximação entre a loucura privada, a *hýbris* dos heróis e as experiências do frenesi báquico possibilitadas por Dioniso, por conta de em todas essas situações haver um cambalear entre os limites. Além de que, Eros se faz presente em todas elas, mesmo que em constante conflito com manifestações agressivas e destrutivas.

A LOUCURA PRIVADA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA DOS ESTADOS-LIMITE: ENTRE O COMBATE À LOUCURA E A NECESSIDADE DE SE OLHAR PARA ELA

O deus Dioniso e o que ele promove, o frenesi báquico e o uso do vinho feito nesse contexto, assim como a *hýbris*, são combatidos na tragédia *As Bacantes*, de Eurípides (2005), onde Penteu se nega a cultuar o deus recém chegado a Tebas e, sem reconhecer a sua divindade, manda capturá-lo e prendê-lo, ao invés de ouvir Cadmo, seu avô, e Tirésias, conhecido adivinho, que tentaram lembrar o rei da importância de se respeitar os deuses. Evitar a *hýbris* também é recomendado pelas leis divinas e dos homens, que regulam o que cabe ou não aos mortais, além de haver vários registros de punições que foram designadas àqueles que ousaram transgredir, como Édipo, que ficou cego e foi condenado ao exílio.

Dioniso, sendo o deus que representa a transgressão na tradição mítica grega, tinha como representante do seu oposto o deus Apolo, da justa medida e do belo, valorizado como o modelo para que o *métron* fosse mantido pela humanidade. Nietzsche (1992) aborda tal divergência em relação a esses deuses, ao analisar as diversas manifestações da arte e sua relação com a tragédia, afirmando que entre o apolíneo e o dionísico existe grande contradição, visto que o primeiro elemento está relacionado às artes plásticas, à forma e ao sonho, enquanto o segundo à arte da música, ao êxtase, ao entusiasmo e à embriaguez, motor do esforço de criação. Contudo, segundo o autor, ambas as tendências estavam presentes na tragédia, mas a partir do momento em que o segundo elemento passa a ser criticado e racionalizado, em virtude da intensificação da cultura apolínea no mundo grego clássico, ela vai perdendo sua característica principal, que correspondia ao dionísico; ou seja, de transfiguração da vontade humana e de identificação, pois dizia sobre os desejos, os prazeres e dores.

Entretanto, Nietzsche (1992) coloca o dionísíaco como a verdade e o caminho para o mais íntimo das coisas, que se materializa n’*As Bacantes* (EURÍPIDES, 2005), onde o frenesi báquico, assim como o vinho, são desejáveis, em função do frenesi promover a proximidade dos mortais com a divindade e o vinho garantir o esquecimento dos problemas, propiciando a alegria e o alívio das tensões cotidianas aos seres humanos, como podemos ver no seguinte trecho da tragédia:

[...] o filho de Semele,
seu êmulo, que descobriu e revelou
o leve suco produzido pelas uvas
para curar de suas muitas amarguras
a triste raça humana; a simples ingestão
do néctar tirado das uvas, nos concede
o esquecimento dos males cotidianos,
graças à paz do sono, único remédio
para nossos padecimentos.
(EURÍPIDES, 2005, vv.363-370).

Seguindo esse mesmo movimento de recusa ou de combate ao elemento dionísíaco, proposto por Nietzsche (1992) no caso das tragédias, mas, por fim, reconhecimento e aceitação, a loucura privada foi algo que Freud evitou olhar durante sua teorização, o que fez com que a teoria psicanalítica não fornecesse recursos suficientemente desenvolvidos para lidar com ela. Entretanto, tal loucura apareceu nos consultórios e convocou os analistas a encará-la, por exemplo, nos casos-limites.

Segundo Green (2017), Freud tentou construir um modelo ideal de análise dos processos inconscientes, diante do sonho de um método puro de análise. Todavia, a transferência ditou os limites de tal tentativa, por meio do retorno do recalcado que se buscava excluir ao tentar transformar em consciente o que não era conhecido, mas se manifestava. Dessa perspectiva, foi necessário que Freud compreendesse que a transferência não era uma falsa conexão, ou algo que impedia o processo psicanalítico, passando a compreendê-la como algo positivo, o real motor da cura, para que continuasse a ser possível o tratamento psicanalítico, mas que de alguma forma, seu modelo ideal foi quebrado.

Em “Análise terminável, análise interminável” (FREUD, 1996c), novos obstáculos à cura são discutidos, mas modificações na técnica não são consideradas enquanto possibilidades de superar as dificuldades encontradas, como pode ser percebido pela forma como eram vistas as novas propostas de autores como Rank e Ferenczi. Tais

embates, segundo Green (2017), ainda podemos encontrar atualmente, pois haveria uma contraposição entre os freudianos e os kleinianos, ou os winicottianos, por exemplo, uma vez que autores posteriores a primeira geração de psicanalistas trouxeram novidades em relação ao enquadre, às formas e estilo de interpretação, surgindo um campo de divergências. Nas palavras do autor supracitado,

Um pouco menos de cinquenta anos após 'Análise terminável e análise interminável', a prática psicanalítica oscila entre as duas atitudes. A primeira esforça-se por manter o ideal de pureza da análise, considera que as indicações do tratamento devem ser rigorosamente avaliadas e só podem ser chamados para o divã alguns eleitos que – a expressão é verdadeira – 'merecem' o 'ouro puro' da psicanálise. Aos outros resta o recurso ao 'vil chumbo' da psicoterapia. A segunda, ao contrário, busca ampliar o campo da psicanálise, através de modificações do enquadre e do estilo interpretativo, tais remanejamentos não colocando em questão, aos olhos dos analistas, a qualidade intrinsecamente analítica do trabalho efetuado (GREEN, 2017, p. 246).

No contexto desse embate, a transferência é novamente trazida à discussão, com o questionamento de se ela existe nesses pacientes e se nesses casos ela seria analisável, ou tratável, no sentido de que mobilizaria uma atividade psíquica própria à elaboração de conflitos, o que implica em estar mais próxima daquela que se acreditava ser a estrutura ideal para o tratamento, que seria “[...] um sistema psíquico inconsciente constituído de representações acompanhadas de seu quantum de afeto moderado (o que permite falar de psiconeuroses de transferência, a libido tendo conseguido sua conversão em investimento psíquico)” (GREEN, 2017. p. 247).

Do ponto de vista de Green (2017), no campo da psicose não estaríamos próximos desse ideal, pois nele a transferência traz marcadamente a intensidade e o caráter paralisante da angústia e da depressão, apresentando ainda passagens ao ato, fragilidade da organização narcísica, pulsões que se encontram em estado selvagem e clivagens, dentre outras características. Ao se afastar do ideal do tratamento, mais próximo dos limites de ser tratável se chega, o que implica em

não existir a possibilidade de análise, pois ela não seria uma *psicanálise*, mas [...] uma *corpoanálise*, devido à não liberação das pulsões de sua ancoragem corporal, como mostram a intensidade dos afetos e as descargas através do ato ou do soma (GREEN, 2017, p. 247, itálicos do autor).

Então, analisamos hoje a loucura privada, sendo preciso dotar a clínica psicanalítica com os recursos necessários para trabalhar com tal demanda, devendo-se pensar reformulações e novas propostas indispensáveis ao exercício clínico, inclusive aquelas que destacam aspectos referentes ao mais além da representação, que diz sobre o campo das intensidades, fazendo um movimento que, segundo Green (2017) o próprio Freud não

recuou em fazer, devolvendo

[...] ao não consciente sua espessura, sua opacidade e sua força. Abandonando o sonho de um inconsciente formado de representações de objetos e afetos, ele deu ao Isso constituído unicamente das moções pulsionais – de onde toda ideia de conteúdo (portanto de representação) está ausente – seu poder indomável. Ao lembrarmos finalmente que a hipótese das pulsões de destruição faz do Isso o lugar de uma violência que não é mais somente erótica, só podemos lhe dar razão, pois tudo o que a experiência psicanalítica contemporânea mostra é que os casos nos limites do analisável são precisamente aqueles em que as pulsões de destruição dominam a psique e sabotam – com enorme eficácia – o trabalho analítico (GREEN, 2017, pp. 255-256).

A segunda teoria pulsional freudiana teve grande relevância nesse sentido, pois destacou o poder das pulsões de destruição e desligamento, assim como de Eros, tanto no psiquismo normal quanto no patológico, a partir do que se pode, segundo Green (2017), redescobrir e dar valor novamente à natureza intrinsecamente louca de Eros, olhar para ela para depois relançar o olhar ao modelo de base freudiano, a neurose. Os casos-limite nos auxiliam nisso, porque a partir deles, que representam um novo conjunto de bordas imprecisas segundo o autor acima indicado, é possível olhar ao mesmo tempo para as estruturas neuróticas e para as estruturas psicóticas, não excluindo o que há de loucura na neurose.

Para que o analista exerça sua prática, de acordo com Green (2017), ele precisa se exercitar no pensamento louco, aquele no qual se procura compreender as lógicas paradoxais e únicas dos pacientes que se encontram nos limites do analisável, acolher elas e tornar possível analisá-las. É se permitir conhecer uma lógica que não se restringe à neurótica, como descreveu Freud, é conhecer outras lógicas por meio da transferência e da contratransferência, se deparando com fantasias e mecanismos de defesa arcaicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso propósito foi produzir algumas articulações entre o frenesi báquico e a noção de loucura privada, de André Green (2017), para discutir sobre a clínica atual, na qual os casos-limite estão presentes. Também destacamos como, por meio deles, podemos lançar um novo olhar para a clínica clássica freudiana, visualizando a loucura presente nela, embora não reconhecida à época, que é inerente à Eros e está presente nas variadas estruturas psíquicas onde este se manifesta, seja em maior ou menor intensidade.

A partir do olhar para o frenesi báquico visualizamos o desvario, o selvagem, a sexualidade e a embriaguez que se coadunam com a desmedida, que leva o mortal a se aproximar dos deuses, assim como a *hýbris* o faz com os heróis; mas também leva o

indivíduo aos limites de sua humanização, que faz com que ele perca o controle sobre si, transponha ou rompa limites, desconsiderando a justa medida. No frenesi báquico, a razão e a realidade não são levadas em consideração, o desvario acontece, de forma que o amor e a destruição são elevados a toda potência. Em resumo, olhar para o frenesi báquico nos ensina que precisamos olhar para a desmedida, olhar para a loucura e buscar compreender sua lógica ao invés de combatê-la ou ignorá-la.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. Vol. 3.

CANDI, E. S. Prefácio. In: GREEN, A. *A loucura privada: psicanálise de casos-limites*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 9-20.

EURÍPIDES. As bacantes. In: EURÍPIDES. *Ifigênia em Áulis; As fenícias; As bacantes*. 5. ed. Tradução: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 203-273.

Freud, S. Capítulo 7: A psicologia dos processos oníricos. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Vol. 5, p. 539-644.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Vol. 12, p. 235-246.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. Vol. 23, p. 229-270.

FREUD, S. Esboço de psicanálise. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. Vol. 23, p.151-222.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. Vol. 1, p. 341-480.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. 14, p. 120-178.

GREEN, A. *A loucura privada*. Psicanálise de casos-limites. Tradução: Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2017.

KALLAS, M. B. L. M. A ética trágica da psicanálise via As Bacantes, de Eurípedes. In: KALLAS, M. B. L. M. *Psicanálise e contemporaneidade: arte, literatura, poesia, humor, corpo, pânico, anorexia, bulimia*. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2010. p. 69-78. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=g3tT70r4HtEC&pg=PA69&jpg=PA69&dq=psicanalise+as+bacantes+artigo&source=bl&ots=f_afPsSf_t&sig=ACfU3U1XaaHjH8HfoXHITir7zkqKori-UQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKewjVlo2OtZnmAhXzIbkGHUqFDNAQ6AEwCHoECAoQAQ#v=onepage&q=psicanalise%20as%20bacantes%20artigo&f=false Acesso em: 17 nov. 2021.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, I. F. S. *Criação, híbris e transgressão na mitologia heroica*. 2010. Recuperado de <https://vdocuments.pub/criacao-hybris-e-transgressao-na-mitologia-heroica.html> Acesso em: 27 nov. 2021.

MIGLIAVACCA, E. M. Jogo de opostos: uma aproximação à realidade mental através do mito de Dioniso. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 297-309, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000100015> Acesso em 22 out. 2021.

MIGLIAVACCA, E. M. Dupla face do mito: modelo e função. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 251-262, 2002.

MIGLIAVACCA, E.M. A dimensão trágica do psiquismo: um ensaio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 843-866, 2004.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
 Esfinge 82, 138, 139
 Espelho psíquico 56
 Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
 Estado mental 4, 100
 Estados-limites 180
 Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
 Estruturação do sujeito 109
 Etéocles 110
 Ética da clínica psicanalítica 23
 Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
 Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
 Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
 Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
 Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
 Experiência cinematográfica 91
 Experiência de contato emocional 3
 Experiência emocional 3, 5
 Expressões míticas contemporâneas 89
 Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
 Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
 Fedra 75
 Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
 Fenômenos transicionais 33
 Figura materna 97, 98, 101
 Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
 Fim trágico 92, 102, 103
 Formação do Eu 50
 Formação reativa 187, 199
 Fórmulas da sexualização 150, 151
 Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
 Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
 Função do analista 156
 Função do psicanalista 167
 Função materna 33, 36, 44, 98, 151
 Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
 Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
 Fundamento da clínica 158
 Fundamentos da psicanálise 12
 Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
 Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
 Hécate 67, 73
 Helena 69
 Hélio 40, 67
 Hemon 112
 Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
 Hércules 69, 70, 83, 105
 Hermes 68, 77
 Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
 Hesíodo 5, 8, 60, 63
 Hipólito 75, 84, 153
 Histórias de captura 38, 46
 Homem contemporâneo 19, 20
 Homem psicanalítico 102
 Homem trágico 103, 173
 Homero 25
 Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
 Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
 Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

J

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

- Mãe odiosa 145, 147
- Mãe suficientemente boa 98
- Mal-estar contemporâneo 12, 22
- Mal-estar pós-moderno 13
- Maternagem suficientemente boa 33
- Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152
- Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201
- Mênades 174, 177
- Mérope 128, 129, 130, 138
- Metamorfose 49
- Metanira 41
- Metapsicologia 21, 24, 61, 144
- Método psicanalítico 174
- Metonímia do desejo de falo 150
- Mídias contemporâneas 89, 90
- Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204
- Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122
- Mitologia contemporânea 90
- Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206
- Moções pulsionais 184, 196, 200
- Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194
- Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

- Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170
- Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63
- Narrativas mitológicas 89, 105
- Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sofrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36


Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201


Vinho 54, 174, 180, 181, 182


Violência psíquica 3


Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Atena
Editora
Ano 2023

